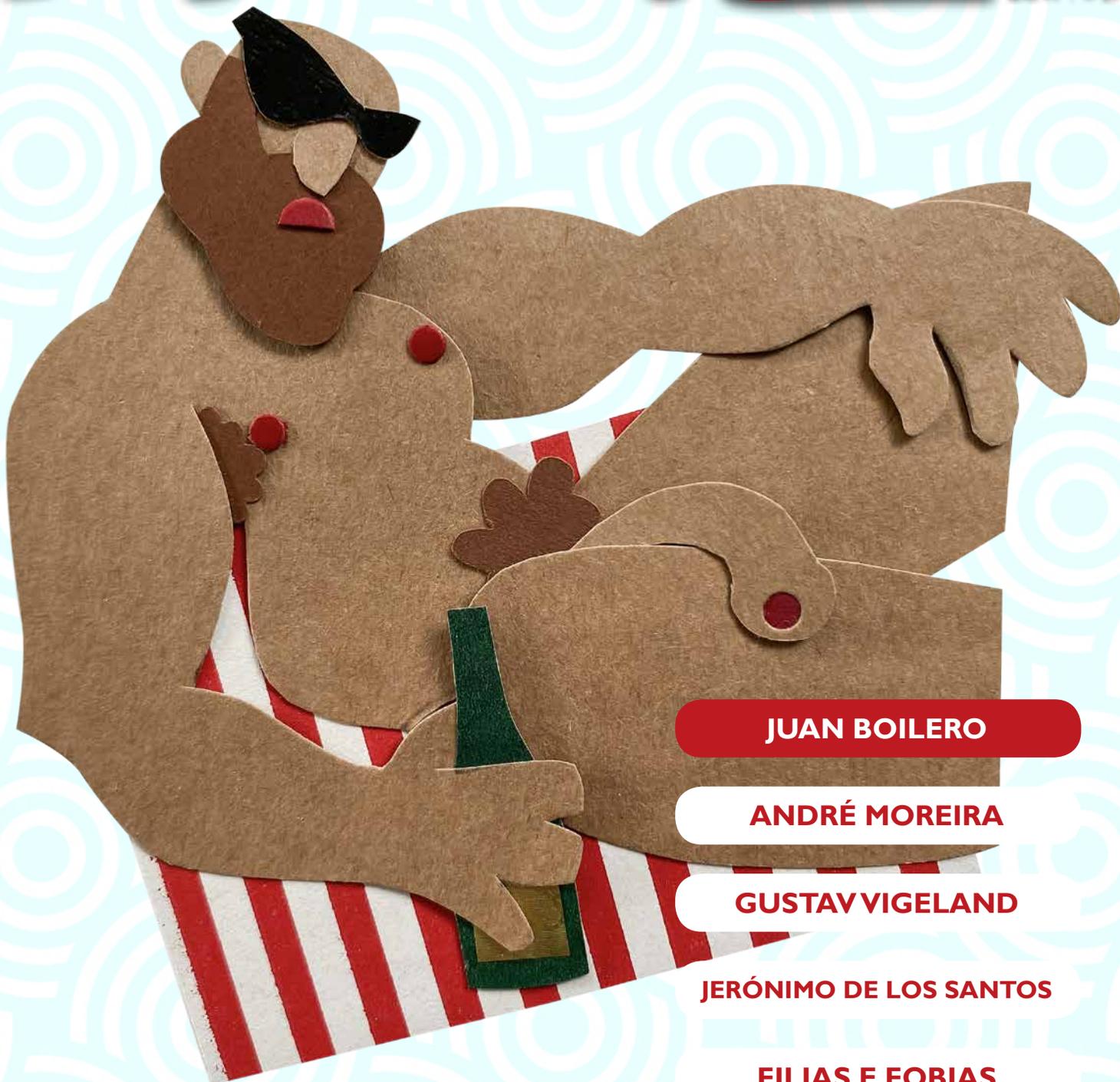


FAO

ano VI . # 27



JUAN BOILERO

ANDRÉ MOREIRA

GUSTAV VIGELAND

JERÓNIMO DE LOS SANTOS

FILIAS E FOBIAS

FALO® é uma publicação bimestral.
maio 2023.
ISSN 2675-018X
versão 20.05.23

edição, redação e design: Filipe Chagas
corpo editorial: Dr. Alcemar Maia Souto, Guilherme
Correa e Rígle Guimarães.
site: Pedro Muraki

capa: Bruno Banani na praia, recorte de Juan Boilero,
2023.

Zelo e técnica foram empregados na edição desta
revista. Ainda assim, podem ocorrer erros de digitação
ou dúvida conceitual. Em qualquer caso, solicitamos a
comunicação (falonart@gmail.com) para que possamos
verificar, esclarecer ou encaminhar a questão.

Direitos e Comprometimento:

Esta revista está comprometida com artistas que
possuem direitos autorais de seu próprio trabalho.
Todos os direitos estão reservados e, portanto,
nenhuma parte desta revista pode ser reproduzida de
forma mecânica ou digital sem autorização prévia por
escrito do artista.

Temos o cuidado de garantir que as imagens usa-
das nesta publicação tenham sido fornecidas pelos
criadores com permissão de direitos autorais ou
sejam livres de direitos autorais ou sejam usadas no
protocolo de "uso justo" compartilhado pela internet
(imagens em baixa resolução, atribuída a seu criador,
sem fins lucrativos e usada apenas para ilustrar um
artigo ou história relevante).

Se, no entanto, houve uso injusto e/ou direitos
autorais violados, entre em contato através do e-mail
falonart@gmail.com e procederemos da melhor forma
possível.

Submissões:

Caso haja o interesse de participar da revista seja
como artista, modelo ou jornalista, entre em contato
através do e-mail falonart@gmail.com.



COMPRA AQUI

COLAB55

FC DESIGN
R. Mario Portela 161/1603 C, Laranjeiras
Rio de Janeiro - RJ 22241-000



Sumário

JUAN BOILERO

6

ANDRÉ MOREIRA

18

FALO DE HISTÓRIA
Gustav Vigeland

34

FALO em FOCO
Jerónimo de los Santos

54

FALÓFORO

62

FALORRAGIA
Fílias e Fobias

66

CONTOS DO FALO
Nosso primeiro encontro

78

Adão Iturrusgarai | Marlon Thor

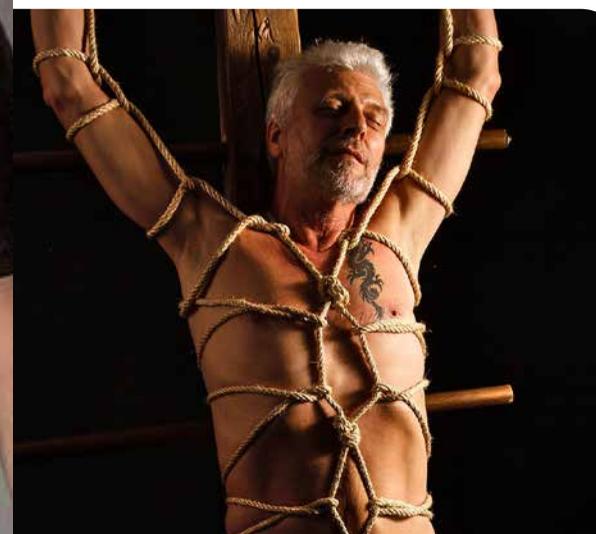
80

FALO com VOCÊ

82

moNUmento

85



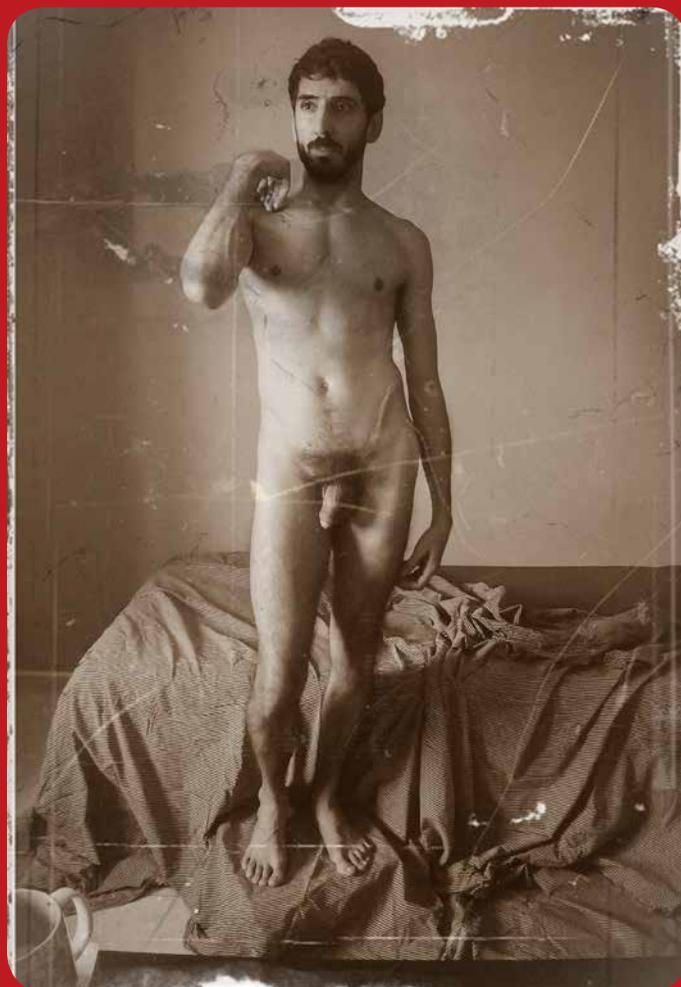
Nota sobre nudez:

Esta publicação é sobre a representação da nudez masculina na Arte. Há, portanto, imagens de genitália. Consulte com precaução. Caso se sinta ofendido, apenas pare de ler. Entre em contato se achar conveniente.

Pelamor... como foi difícil fazer essa edição! Teve sumiço de artista, gente que prometeu e não cumpriu, pauta que não deu liga, atrasos costumeiros de produção que se tornaram imensos... além, é claro, de situações externas à revista sejam particulares ou de outros trabalhos. Mas tá aqui! Ufa!

E é uma edição cheia de coisas interessantes. Veja só:

8=D É a primeira vez que a arte da colagem ANALÓGICA é contemplada com direito à capa (porque colagem digital já passou por aqui);



Experiência fotográfica de Jero como Davi e colagem de Juan Boilero inspirada pelo projeto.

8=D É também a primeira vez que falo sobre a vida de um escultor na coluna *Falo de História*;

8=D O fotógrafo desta edição também está completando 5 anos em seu projeto de sucesso, o *Grand Hotel Studio*;

8=D E, na minha coluna falorrágica, eu trago um glossário de parafilias e fobias que são uma continuação da matéria publicada na sexta edição sobre fetiches, objetivando resgatar o passado deste projeto.



Mas não pense que acabou! A seção *Falo em Foco* traz o trabalho de Jerónimo de los Santos feito durante a pandemia. Ele se conectou com vários artistas durante o isolamento e conheceu a revista durante a produção da edição especial sobre o Davi. Além de ter participado, ele contou sobre o projeto para o artista da capa, Juan Boilero, que produziu uma série de colagens na pose do Davi! Para uma revista que sempre se entendeu como um espaço seguro de compartilhamento com a pretensão de se transformar numa rede de pertencimento através da Arte, isso é incrível!

Adão, Guilherme, Jozias, Marlon e Rígle continuam sendo colaboradores assíduos e queridos. Com um olhar mais aprofundado, é possível notar que todos abordam de forma direta, artística e satírica uma série de assuntos que permeiam o universo humano: a diversidade de corpos e desejos, as dificuldades em se encaixar no padrão, a solidão e a solidão, ser quem você quer ser, por aí vai.

Então, comece mais uma jornada cheia de novos conhecimentos e integrações.

Filipe Chagas
criador e editor



A História da Arte aponta o Cubismo de Picasso e Braque como responsável por tornar a colagem uma técnica artística relevante. Foi um passo importante para entender a pintura como algo que poderia avançar os limites visuais bidimensionais do trompe l'oeil. Houve um entendimento que a técnica da colagem era uma linguagem artística que reconecta, reconstrói e une fragmentos, sejam eles materiais ou psicológicos. Em meados do século passado, por questões de saúde, Matisse precisou usar tesouras para continuar se expressando artisticamente, por exemplo. O cubano **Juan Boilero** passou da fotografia para os recortes quando percebeu que queria construir seu desejo com as próprias mãos. E seu processo é meticuloso e sustentável, como ele diz:

Juan Boilero

por Filipe Chagas

Cavalheiro e Felipe Ovos de Touro.

Faço esboços em papel branco com lápis e tesoura, sempre a mesma velha tesoura de Solingen que comprei por dois euros num mercado de rua em Berlim. Depois digitalizo as formas e faço um gabarito. O papel que uso para recortar minhas figuras é papel reciclado por mim. Umedeço as caixas de transporte e separo as folhas uma a uma. Adoro essa textura e consistência.

No verão de 2019, surgiram seus primeiros trabalhos, concentrados no torso inferior (abdômen, pênis, nádegas). Simples, porém potentes, colecionadores os guardam como relíquias. Mais tarde, fez bustos e rostos, até chegar às figuras completas.



Juan diz que ter escolhido a figura masculina como objeto de trabalho é um sinal revelador de sinceridade e autenticidade como artista (“Eu trabalho o que eu mesmo admiro e desejo.”). Inclusive, o pênis é o ponto focal:

Na hora de recortar o pênis, eu tomo muito mais cuidado do que com o resto do corpo. É sempre uma experiência erótica, não apenas um prazer artístico. Se o pênis não for excitante, você pode jogar fora a figura.



Vale a pena notar que Juan busca o contexto corporal masculino e não o close genital (“barriga, pelos púbicos, coxas são o que fazem alguém digno de ser retratado na minha arte”). Há também a preferência pelo “estado intermediário entre o sono e a vigília”, onde o pênis está na dinâmica do balanço e do crescimento.





Mira.



Vacinador.

Sua inspiração vem da sua própria imaginação e de imagens da internet. Raramente trabalha com modelos reais. Costuma dizer que sua arte começa quando consegue passar uma mensagem bem-humorada com suas figuras. É com esse toque de humor que se enxerga como artista e acredita no que faz, sendo chamado até de “cartunista das tesouras”.

Mr. Bombastic.



Kinky Daddy.



A babinha.





Vivendo na Alemanha há mais de trinta anos como designer gráfico em uma agência de publicidade, Juan compreende que as redes sociais, apesar da censura, têm contribuído significativamente para a expansão e aceitação social do mercado de arte erótica. Organizar e digitalizar seu trabalho para preservá-lo são seus modestos planos para o futuro, pois:

São as minhas mãos, a tesoura e os caprichos do papel que determinam o resultado final.

8=D



Cirurgia plástica para você.



Dr. Alcemar Maia Souto CRM 5246681-1

+55 21 97395 8000 alcemarmaiasouto@gmail.com

André Moreira

por Filipe Chagas

De pinturas a bustos, da alegoria ao naturalismo, o retrato é um gênero artístico clássico na História da Arte que foi totalmente cooptado pela Fotografia ao ponto dos termos se tornarem sinônimos. E foi onde **André Moreira** começou a sua paixão.

Desde a época em que estudava Comunicação em Multimeios na PUC-SP, André fotografava amigos (e amigos de amigos) sem cobrar nada – já que trabalhava em cinema e TV, deixando a fotografia como hobby. Entretanto, os elogios constantes despertaram a consciência para o próprio olhar fotográfico, aquilo que é individual e particular de cada artista. A partir daí começou a investir na sua carreira como fotógrafo.

Eu penso em cores, texturas, adoro luz natural e as sombras que ela cria. Relaciono muito com as artes plásticas. Antes de cada sessão, eu imagino quais desses elementos funcionariam e tento criar uma narrativa, mesmo que na hora dos cliques acabe tomando outro rumo.



Modelo: Alex Castro.



Modelo: Rafa Sá.



Modelo: Patrick Lupinacci.



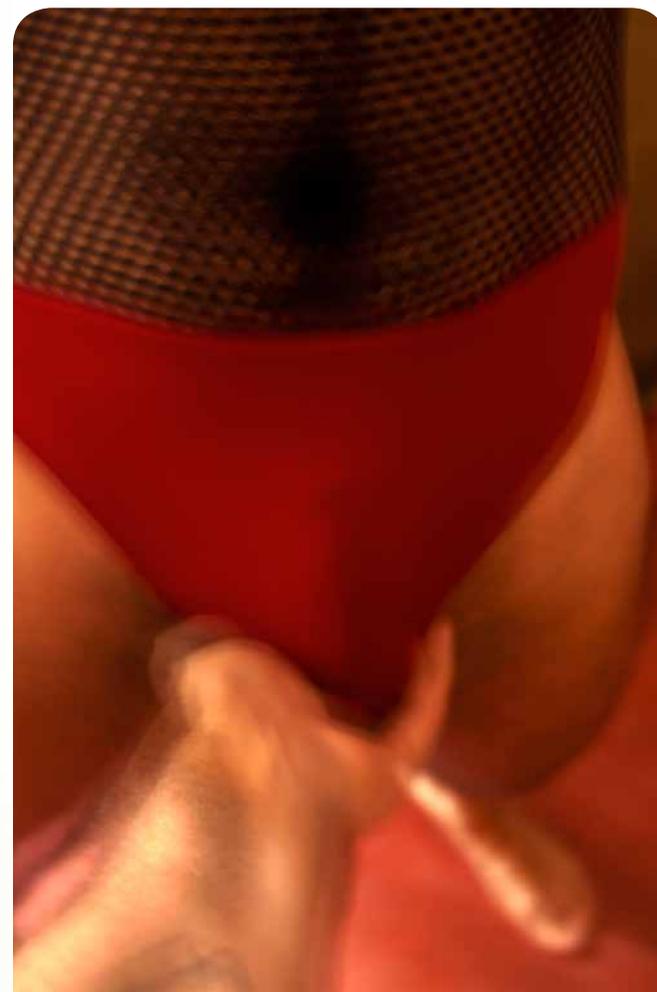
Inspirado por Alair Gomes, Jeff Burton, Nan Goldin, David LaChapelle, o fotógrafo encontrou no nu masculino um lugar onde consegue criar imagens que atravessam as pessoas doravante um discurso autoral.



Modelo: Atlas Xavier.



Modelos: Arthur Geeth e Hugo Campos, e Saulo Costa.



Modelos: Mustache e Dante Rios.

Modelo: Alex Castro.



Modelo: Nico Briceño.



O corpo masculino é muito diverso. E a forma como o vemos vai mudando. Ter tesão pelo o que você está fotografando é um motor para criatividade.

Isso não quer dizer ter um envolvimento com o modelo. André afirma que a relação com os modelos é profissional e isso fundamenta a criação. Ainda diz que, na maioria das vezes, são rapazes sem experiência com câmera que precisam de uma direção mais afiada (“proponho ações e evoluímos a partir de um movimento, coisa que adoro!”) e isso, com o tempo, foi deixando seu trabalho mais rico e natural.

Naturalidade, aliás, que é a principal busca de André em seu trabalho:

Muitas vezes o que você olha na pessoa ao vivo, não é o que vemos na câmera e essa descoberta é uma delícia. Então, o que mais me chama atenção é a atitude. Não me refiro à atitude de macho, mas à você olhar para imagem e perceber que ali tem força ao invés de uma pose forçada.

Nessa perspectiva, a nudez frontal se torna natural no conforto do modelo e nos olhos do espectador (“fazer imagens poéticas de partes íntimas é incrível!”), iniciando um processo de formação e identificação de público muito importante para quem trabalha com essa temática. O fotógrafo lembra que a internet apresenta um crescimento exponencial de projetos sobre nu e erotismo masculino, comprovando a demanda e abrindo a possibilidade de novas masculinidades.

Modelo: Marcelo Cidral.



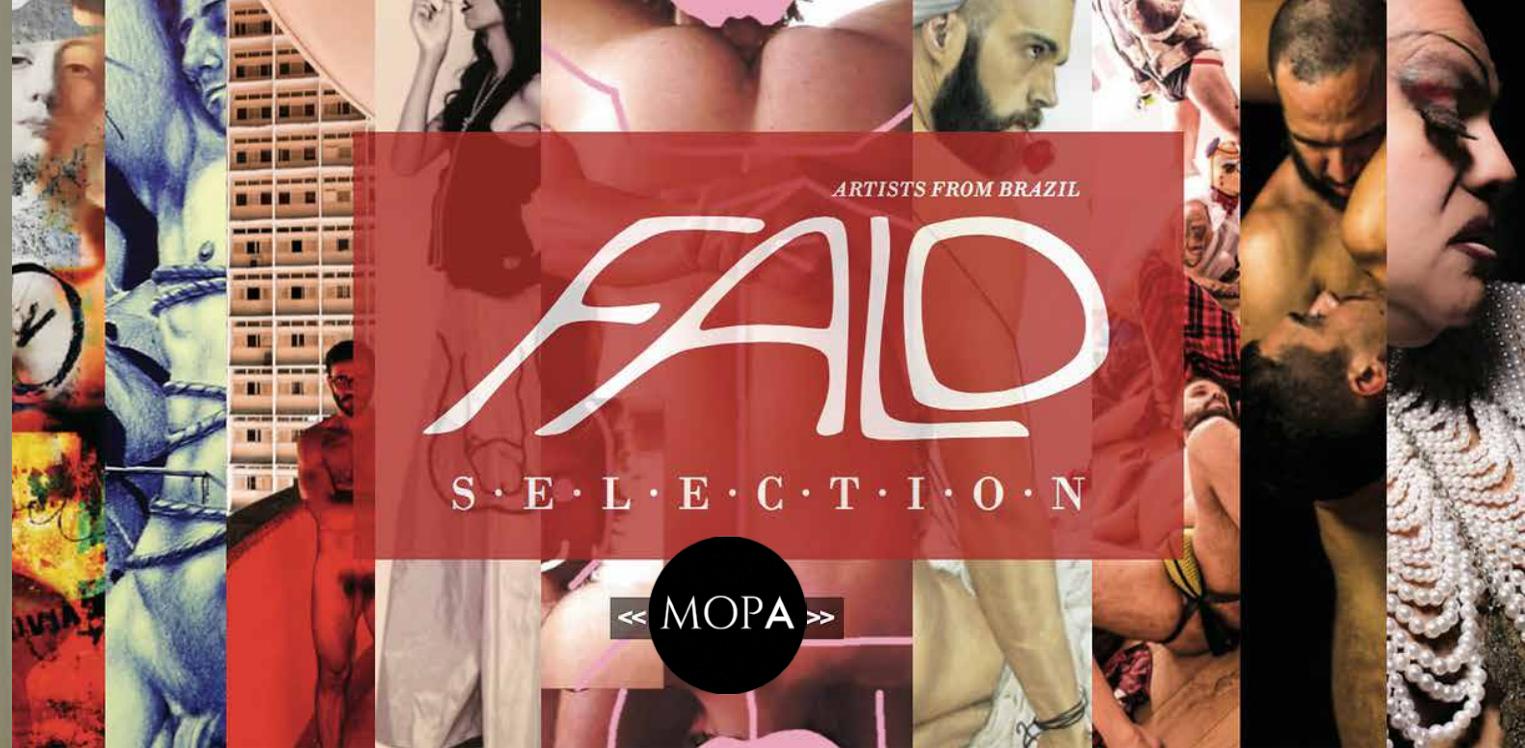


Modelo: Kyle Fox.





Modelo: Rafa Sá.



9 Brazilian artists | 100 pages | 21 x 14.8 cm | Soft Cover



Atento às novas possibilidades midiáticas e à arte queer, André tem estudado como jogar com a imagem do masculino através de seu trabalho fotográfico para tensionar os estereótipos. Por fim, aconselha:

Procure sempre o seu olhar, a sua marca: isso nunca ninguém vai te tirar.

É sobre isso. **8=D**



André em estúdio.

Falo de História

por Filipe Chagas



Gustav Vigeland

1869-1943

O escultor norueguês **Gustav Vigeland** (1869-1943) nasceu Adolf Gustav Thorsen, o segundo de quatro irmãos, em uma família religiosa de artesãos, nos arredores de Mandal, ao sul da Noruega. Explorou seu talento criativo desde cedo na oficina de carpintaria de seu pai. A certa altura, seu pai investiu quase toda a fortuna da família em navegação, porém, acabou perdendo tudo. Decidiu, então, abrir um pub no térreo de sua casa de três andares. Com o passar dos anos, o alcoolismo fez sua esposa abandoná-lo, levando os filhos com ela para a fazenda de seus pais em Vigeland*.

Fascinado pela relação entre matéria e espírito, o jovem Gustav foi enviado aos 15 anos para uma escola em Oslo, onde trabalhou como aprendiz do entalhador Torsten K. Fladmoe (1831-1866). No entanto, a morte repentina de seu pai por tuberculose o obrigou a voltar para Mandal para ajudar sua família 18 meses depois.

Determinado a se tornar um escultor profissional, passou a estudar incansavelmente catálogos ilustrados e livros de anatomia. Voltou para Oslo em 1888 para perseguir seu sonho e acabou chamando a atenção do escultor Brynjulf Bergslien (1830-1890), que levou os esboços do rapaz a Lorentz Dietrichson, professor de História da Arte na Universidade de Oslo, que ficou igualmente impressionado. Os dois contataram amigos e conhecidos para fornecer apoio financeiro a Gustav. Isso lhe deu alívio financeiro por um tempo, mas fazia o rapaz se sentir dependente de seus benfeitores. Sendo o único escultor de sua classe na Royal School of Drawing, Vigeland acabou sendo protegido pelo professor e escultor Mathias Skeibrok (1851-1896) que, ao assumir cargos em comitês que forneciam fundos a artistas emergentes, beneficiou o jovem escultor.

Depois de nove meses recebendo treinamento prático no estúdio de Bergslien, Gustav assumiu o sobrenome “Vigeland” e estreou no outono de 1889 com o grupo de esculturas *Hagar e Ismael* (imagem ao lado) no Salão Anual de Outono em Oslo.



Retrato do escultor em seu ateliê.

* A oeste de Mandal, Vigeland derivaria da palavra nórdica para “terra viking”.



Em janeiro de 1891, fez sua primeira viagem de estudos com uma bolsa estatal. Em Copenhague, trabalhou no estúdio do escultor Vilhelm Bissen (1836-1913) – onde criou seu primeiro grupo escultórico em tamanho real, *Amaldiçoado* (imagem abaixo) – e ficou conhecendo a obra do grande escultor dinamarquês Bertel Thorvaldsen. Mas foi na capital francesa, no primeiro semestre de 1893, que encontrou sua maior referência ao visitar a oficina de Auguste Rodin. Impactado com as *Portas do Inferno* do escultor francês, voltou à Noruega para produzir *Inferno*, relevo escultórico carregado de expressividade e combinado com uma forma dissolvida, quase esboçada.





Vigeland abriu sua primeira exposição individual em outubro de 1894 e Jean Thiis, historiador de arte norueguês, restaurador e um destacado diretor de museu, decretou:

Ele é jovem. Prestemos atenção a ele e não tornemos injusto o seu talento. Ele se aventurou mais do que qualquer um antes dele.

Sua segunda viagem de estudos o levou a Florença e Berlim. Na Itália teve acesso a obras de arte antigas e renascentistas e desenvolveu um maior apreço pelo naturalismo anatômico, sem abandonar a carga emocional. Na capital alemã, se aproximou do grande nome da pintura norueguesa naquele momento, Edvard Munch, chegando a dividir quarto e estúdio*. Uma das pessoas mais proeminentes em Berlim na época era o intelectual polonês Stanislaw Przybyszewski, que foi o primeiro a publicar um artigo sobre a obra de Vigeland em uma revista europeia, aumentando a visibilidade do artista entre os jovens escultores na virada do século.

Ainda na desesperada falta de renda, Vigeland aceitou sua primeira encomenda para a decoração escultórica da Catedral de Nidaros em Trondheim. Ao todo, ele modelou 44 esculturas para a Catedral no período de 1898 a 1902.

Em 1899, organizou sua segunda (e última!) exposição individual em Oslo, que recebeu críticas elogiosas e destacou sua posição como um dos principais escultores da Noruega. No mesmo ano, nasceu sua filha Else, fruto de seu relacionamento com Laura Mathilde Andersen, uma das modelos para sua obra *Inferno*. Em 1901, nasceu Gustav, porém, Vigeland conheceu Inga Syvertsen, de 16 anos, que se tornaria sua namorada e assistente por 20 anos.

Após um tempo estudando arquitetura gótica na França e na Inglaterra, Vigeland foi convidado pelo Comitê Norueguês do Nobel para participar de uma competição fechada pela medalha do Prêmio Nobel da Paz. Inspirado pelas *Três Sombras* de Rodin, o escultor venceu a competição* e ainda foi premiado com a Ordem Real Norueguesa de St. Olav, Cavaleiro de Primeira Classe.

Acredito ter dado à medalha uma expressão mais solta e livre.

* A medalha de ouro 18 quilates ficou pronta para a cerimônia do Prêmio Nobel da Paz em dezembro de 1902 e continua com o mesmo design. Vigeland também fez um busto monumental de Alfred Nobel, encomendado pelo mesmo Comitê em 1903.

* Rumores dizem que, durante uma discussão, Vigeland jogou o busto que fazia de Munch no pintor e isso estremeceu a relação entre eles.



Trabalhador, gesso (1900).



Por volta de 1902, retornou a Oslo e obteve da cidade um estúdio abandonado para trabalhar. Seu período mais produtivo como retratista foi em 1903, quando modelou 10 bustos. Nos anos seguintes, participou da *Nordic Art Exhibition* no Keizer Wilhelm Museum na Alemanha e da exposição *Entwicklung des Impressionismus em Malerei u. Plastik*, em Viena, como o único artista da Noruega, mostrando sua relevância no cenário cultural.

Com a independência da Noruega em 1905, Vigeland recebeu inúmeras encomendas de estátuas e bustos públicos para celebrar seus compatriotas. Em 1906, propôs uma fonte monumental para a praça Eidsvolls em frente ao Parlamento, que acabou não sendo realizada. O *Monumento Abel* – considerado o marco definitivo de seu renome internacional – foi inaugurado no Palace Park em 1908, em Oslo. No ano seguinte, foi apresentado no Salão de Outono de Copenhague ao lado de Munch como “os dois grandes artistas contemporâneos”. Após expor na Exposição Universal de Bruxelas em 1910 e na National Gallery em Londres, Vigeland parou por conta da Primeira Guerra.

Após a Primeira Guerra, suas esculturas se tornam mais simplificadas, com menos detalhes e maiores superfícies e volumes. Essa mudança coincidiu tanto com a alteração de matéria-prima (do mármore para o granito) quanto com as transformações artísticas de vanguarda, já que ele havia manifestado interesse pelas formas de Matisse e Picasso.

○ Monumento Abel,
homenagem ao matemático
norueguês Niels Henrik Abel.



Os mendigos foram exibidos na
Exposição Universal de Bruxelas
e receberam bastante atenção.



Em 1921, a cidade de Oslo decidiu demolir a casa onde Vigeland morava para construir uma biblioteca. Após uma longa negociação, Vigeland conseguiu um enorme estúdio, onde poderia trabalhar e morar com a sua família* em troca de doar à cidade TODAS as suas obras, incluindo esculturas, desenhos, gravuras e maquetes. O acordo também não pagava honorários ou salário, mas autorizava a participação em competições ou assumir encomendas privadas.

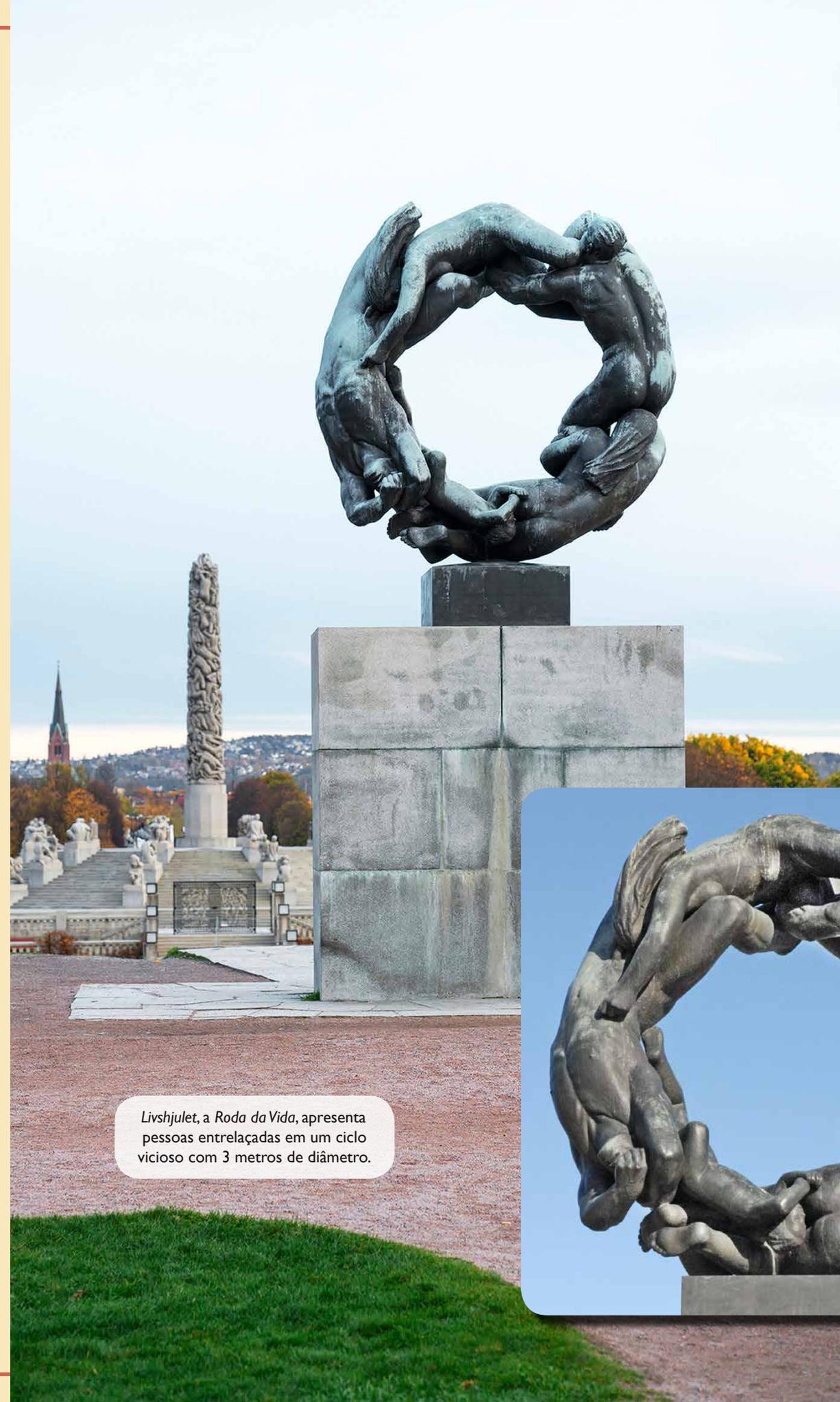
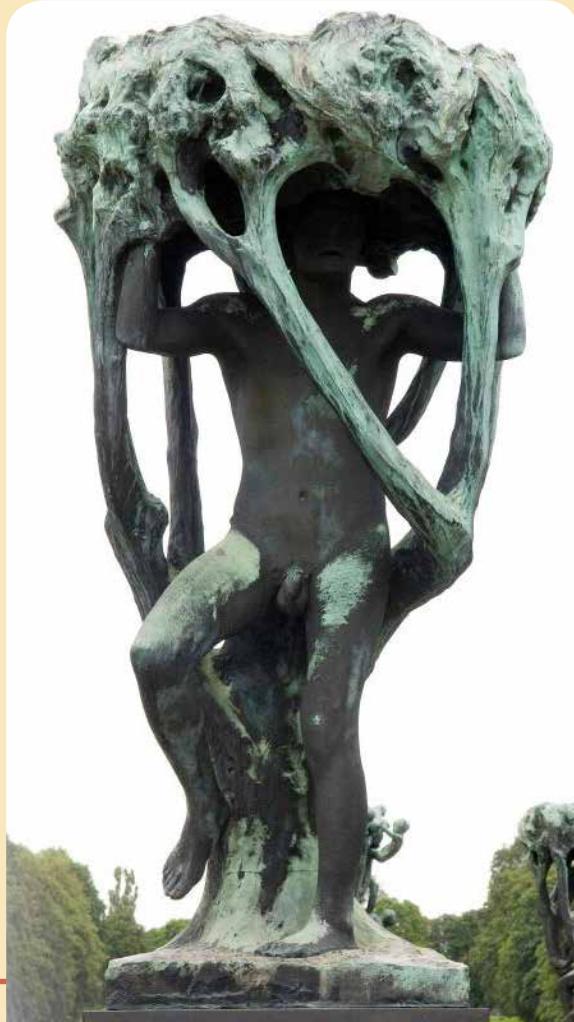
O novo estúdio estava localizado nas proximidades do Frogner Park, que ele havia escolhido como local definitivo para sua fonte monumental. Nos vinte anos seguintes, Vigeland se dedicou ao projeto de uma exposição aberta de suas esculturas, que veio a se tornar o Vigeland Sculpture Arrangement (*Vigelandsanlegget*): 340 acres de parque com 212 esculturas de bronze e granito. Pensar no parque também contribuiu para mudanças formais, uma vez que esculturas ao ar livre exigem uma linguagem formal mais monumental**. A figura individual desaparece em favor dos grupos escultóricos: são as típicas relações humanas gerais que são retratadas.

* Nesse ano, Vigeland rompe com Inga e, no ano seguinte, se casa com Ingrid Vilberg.

** Alguns críticos de arte consideraram as esculturas de Vigeland expressões da estética nazi-fascista, sendo até comparado a Arno Breker. No entanto, Vigeland manteve uma estética puramente expressionista sem qualquer intenção política ou nacionalista.

A fonte monumental em bronze possui um grupo central com seis gigantes que sustentam a grande bacia e dela uma cortina de água se derrama ao redor. Os gigantes, representando homens em diferentes idades, podem ser interpretados como o fardo da vida. A fonte é cercada por 20 grupos de árvores numa expressão romântica da relação do homem com a natureza. São formados individualmente e contam a história da humanidade desde o berço até o túmulo, começando com uma árvore envolvendo bebês recém-nascidos e terminando em uma figura esquelética quase irreconhecível da árvore.

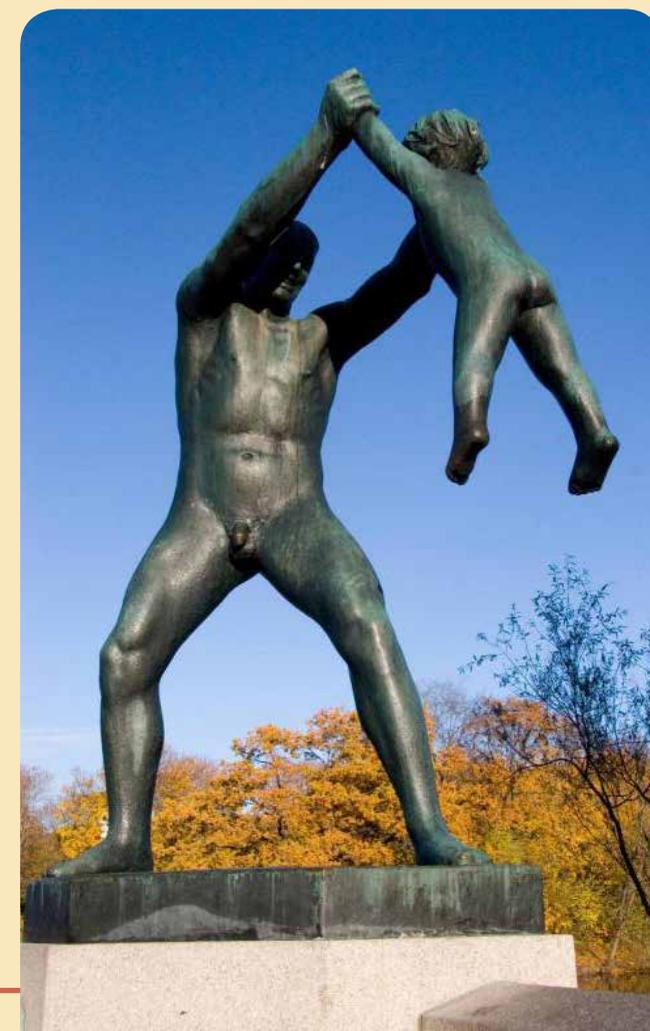
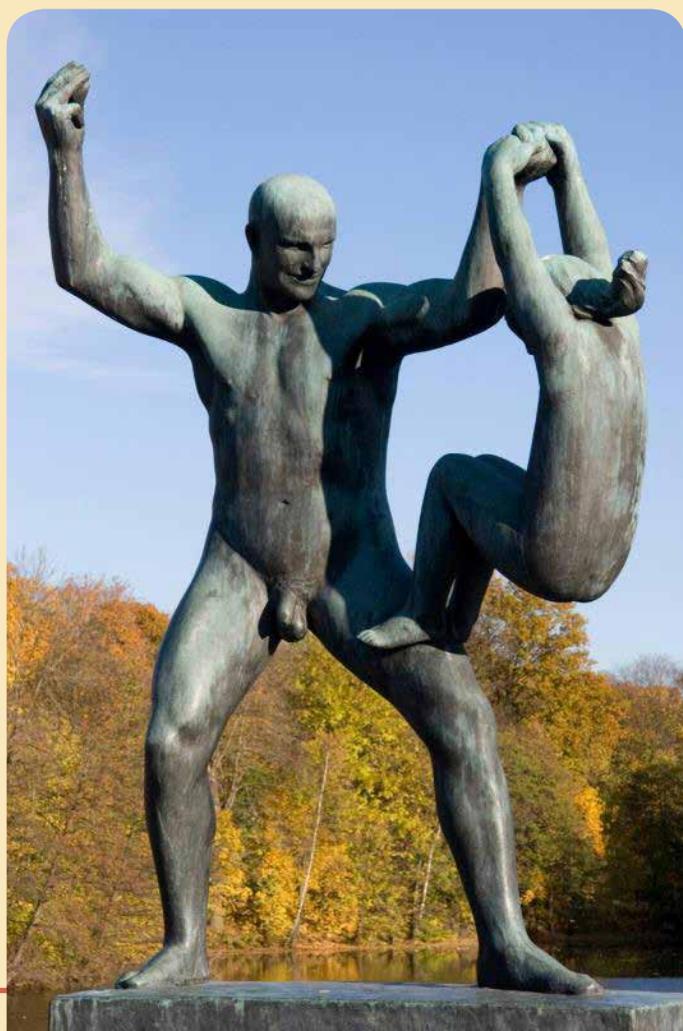




Livshjulet, a Roda da Vida, apresenta pessoas entrelaçadas em um ciclo vicioso com 3 metros de diâmetro.



A ponte do parque possui 58 esculturas em bronze entre homens, mulheres e crianças, todos nus, em diversas poses. Os temas compartilhados são diversão, luxúria, energia e vitalismo.





Monolitten (Monolito) é a grande obra de Vigeland, uma coluna de 17 metros de altura, construída em um único bloco de granito maciço, com 121 figuras humanas (26 homens, 31 mulheres, 32 meninas e 32 meninos) que parecem escalar umas sobre as outras em direção ao céu, como uma metáfora para o desejo das pessoas pelo divino e pelo espiritual. Além de ter feito um modelo de argila em tamanho real (1924-1925), Vigeland precisou da ajuda de três escultores trabalhando diariamente entre 1929 e 1942 para concluir o monumento. Em torno do Monolito, estão 36 grupos escultóricos em granito.

*A coluna é a
minha religião.*

Gustav Vigeland





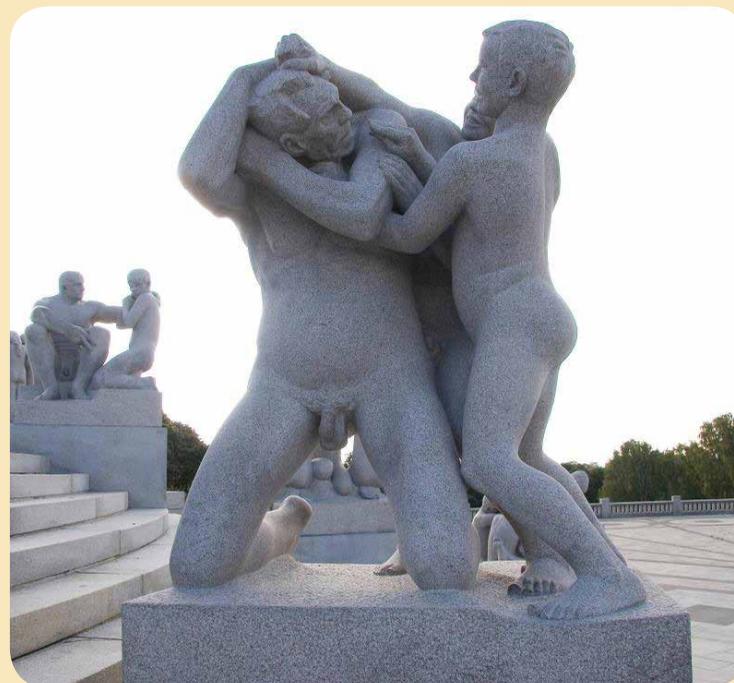
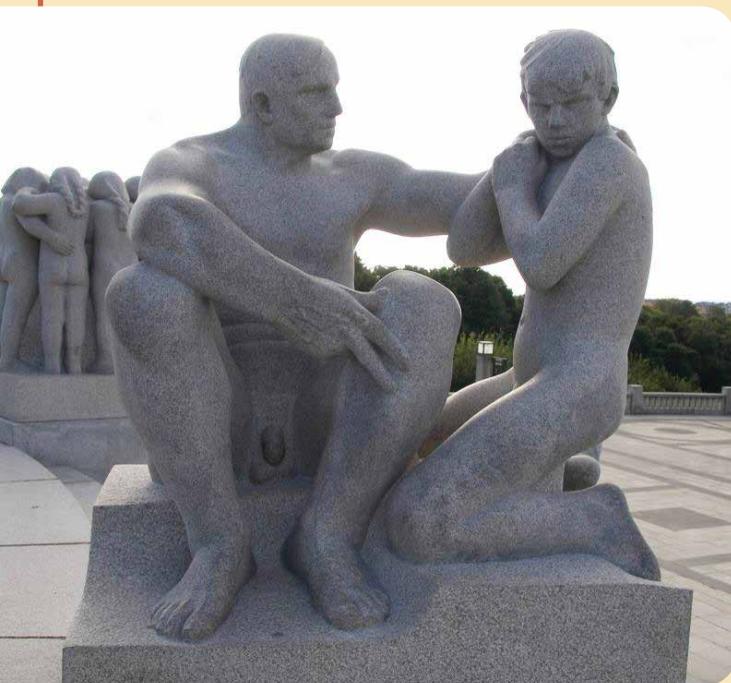
Viveu e trabalhou em seu estúdio até sua morte em 1943 de uma infecção cardíaca. Suas cinzas ainda estão preservadas no campanário do prédio. O edifício inteiro tornou-se o Museu Vigeland (*Vigelandsmuseet*) em 1947 e seu apartamento no terceiro andar foi preservado com obras, modelos de gesso, peças de design, mais de 12 mil desenhos, 400 xilogravuras e padrões para toalhas de mesa, traveseiros e tapetes.



Vigeland era uma pessoa complexa, retraída e tímida em muitos aspectos, mas também muito estratégica. Abordou pessoas importantes para retratá-las e, ao fazê-lo, tomava a liberdade de pedir conselhos e assistência, como o compositor Edvard Grieg, o autor Knut Hamsun e o escritor Henrik Ibsen. O artista raramente dava títulos às suas esculturas para não direcionar as expectativas dos espectadores.



Iniciado academicamente no naturalismo norueguês, Vigeland em seus primeiros trabalhos lutou para obter proporções realistas: o desejo de análise anatômica e representação natural nunca foi um objetivo em si. Ele buscava a experiência interior que o pendia à estética francesa de um Neo-Romantismo, um Simbolismo e, até mesmo, um Realismo com as representações do ciclo da vida e das lutas internas do indivíduo comum. **8=D**



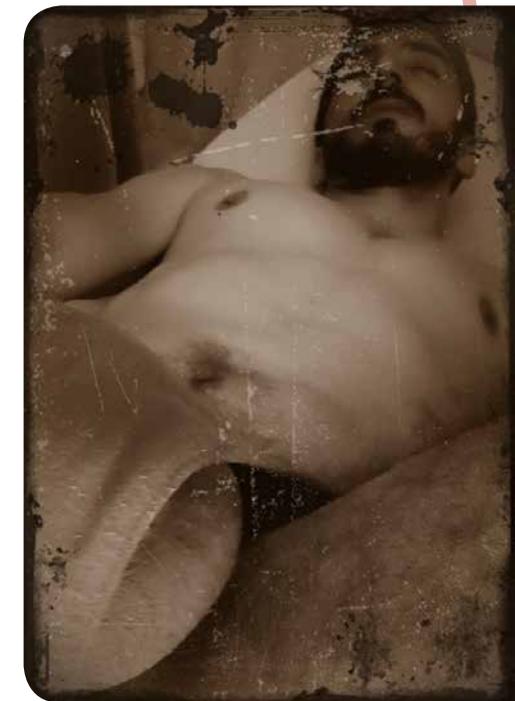
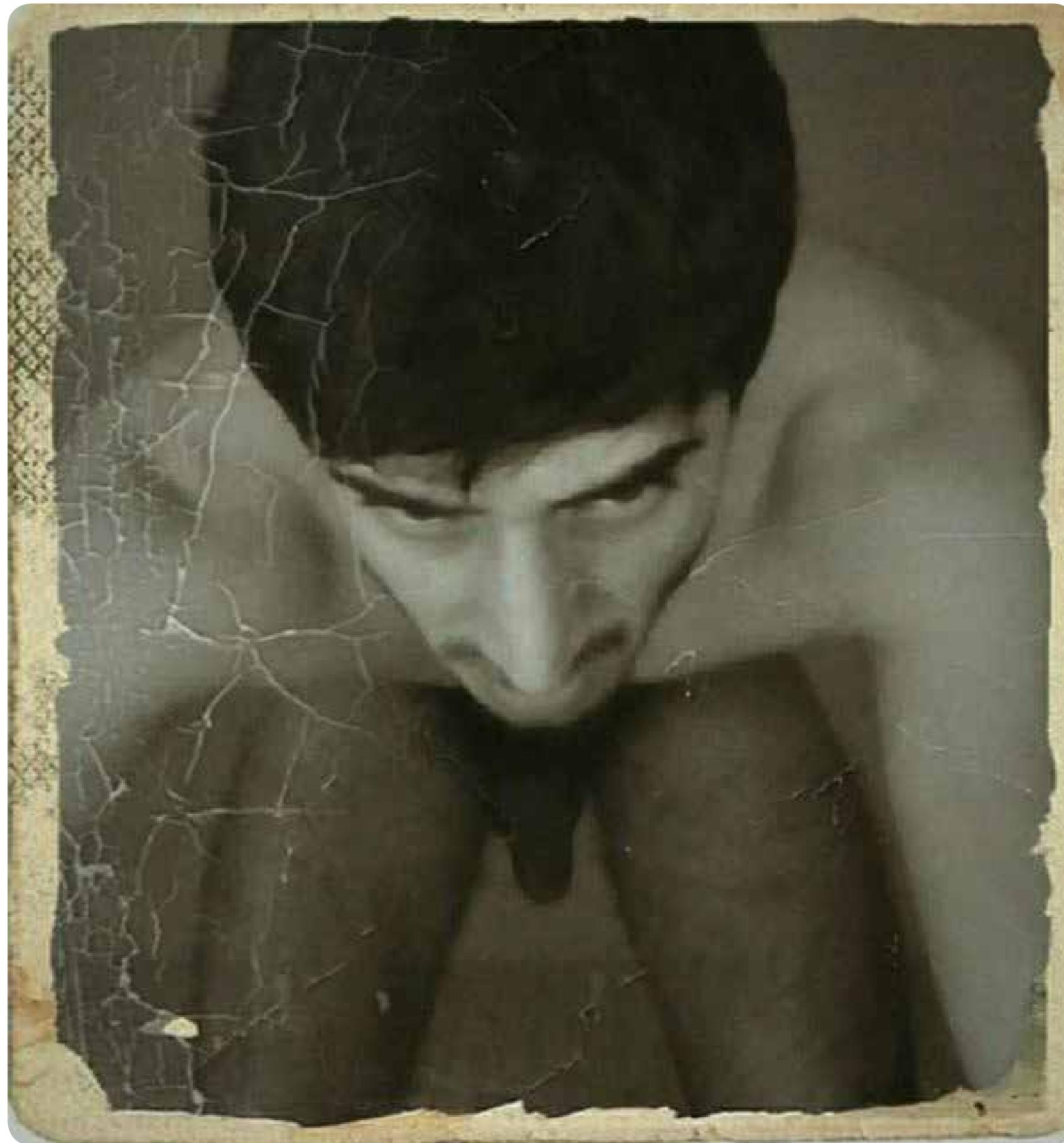
A escultura mais amada do parque é *Sinnataggen* (ou “Garotinho esquentado”), que mostra um garotinho batendo o pé no chão com raiva. É também chamado de “Mona Lisa de Vigeland”. Suas mãos e pés brilham porque todos querem tocá-lo.



Jerónimo de los Santos cresceu em um contexto marcado pelo catolicismo, pela repressão sexual e pela homofobia. Portanto, a representação do nu masculino sempre lhe foi negada bem como a existência de uma cultura homoerótica. Os únicos corpos masculinos que podia ver eram as estátuas greco-romanas, o torso nu de Cristo e... o do seu pai, sua referência de homem.

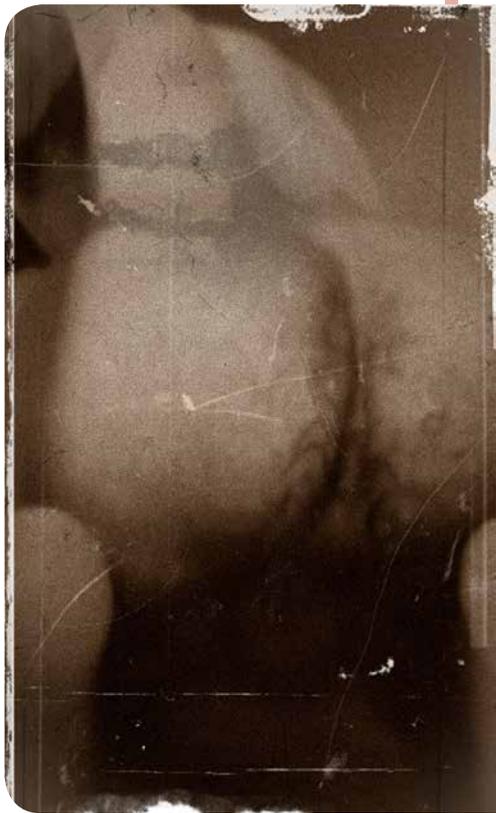
Durante os longos dias sozinho na pandemia, ficou extremamente angustiado com as terríveis notícias. A tristeza pelo falecimento do pai, deixou seu visual desleixado, mais selvagem. Através da internet buscou artistas de todo lugar que pudessem tirá-lo da escuridão para reacender uma faísca de sua imaginação. Com as inúmeras possibilidades de efeitos visuais do celular, começou a se fotografar nu em colagens cinemáticas para se expressar como um ser sexual. A estética vintage se conectou com suas reflexões sobre suas raízes ciganas, seus demônios pessoais, sua sexualidade e do seu pai. E, de repente, seu projeto entrou num fluxo de redimir e libertar seus ancestrais do conservadorismo, de se tornar possível ser quem se deseja.

8=D



Primeira experiência fotográfica.







SEJA MAIS.

**ben
feita
ria**

A **Falo Magazine** tem por princípio máximo o **conhecimento** livre. Sempre foi pensada de forma **gratuita e online**, onde o alcance poderia ser máximo e atemporal.

O trabalho é árduo. **Uma única pessoa** é o editor, o repórter, o pesquisador, o redator, o tradutor, o revisor, o designer, o assessor de marketing, o gerente de redes sociais, o faxineiro etc etc... sem qualquer ganho financeiro. A vantagem é que o **ganho cultural, social e pessoal são imensuráveis**. Porém, é preciso que a revista seja autossustentável e possa investir em si mesma.

Você já é nosso colaborador somente pelo fato de acessar a revista, as redes sociais e ter chegado até aqui. Caso você queira colaborar para deixar um material de qualidade como legado cultural e social e ainda sentir que são parte da revista, escolha uma das **assinaturas mensais!**

www.benfeitoria.com/falomagazine

AMIGO DA FALO

R\$10 / mês

agradecimento na Falo

PARCEIRO DA FALO

R\$15 / mês

agradecimento na Falo e spoiler por e-mail

VIP DA FALO

R\$20 / mês

agradecimento na Falo e revista bimestral (capa variante) com antecedência por e-mail

PATRONO DA FALO

R\$50 / mês

agradecimento na Falo, revista bimestral (capa variante) e revistas especiais com antecedência por e-mail

www

Obrigado a vocês que acreditam na revista e no poder transformador da Arte!

Alcemar Maia, Alexandre Teixeira, Edgar Silva, Orlando Amorim, Rafael Pentagna, Giovanni Ravasi, Luiz Gustavo Silva, Marcelo Reider, Silvano Albertoni, Rev. Mark E. Sanders e benfeitores anônimos.



Guilherme Corrêa convida Marcelo Barbosa

FALÓFORO



Foto: Guilherme Corrêa. | Modelo: Daniel Johnny.



CUECAS



rn

www



SUNGAS

Modelo: Flavio B.

Filias e Fobias

por Filipe Chagas

66

Pênis enjaulado? Essa antiga ferramenta de manutenção da castidade masculina que dificultava a ereção e impedia a masturbação é usada em ações de submissão: a gaiola só pode ser removida pelo “portador da chave”.

Parafilias* (do grego *para*, “fora de” e *philia*, “amor”) é um padrão de comportamento sexual no qual, em geral, a fonte predominante de prazer não se encontra no ato em si, mas em alguma outra atividade ou objeto do desejo sexual. Portanto, é um desvio do interesse sexual das áreas genitais convencionais para objetos, outras partes do corpo, uma função fisiológica, locais específicos, fantasias de simulação ou peças de vestuário, tornando-se o meio preferido (ou único) de atingir a satisfação sexual.

Podem ser consideradas inofensivas e, de acordo com algumas teorias psicológicas, são parte integral e normal da psique** – salvo quando estão dirigidas a um objeto potencialmente perigoso, danoso para o sujeito ou para outros, trazendo prejuízos para a saúde ou segurança, tornando-se, assim, uma perversão. Mas as considerações com respeito ao comportamento considerado parafilico dependem em um grau muito elevado das convenções sociais reinantes em um momento e lugar determinados: por exemplo, a homossexualidade, o sexo oral, o sexo anal e a masturbação já foram considerados parafilias e, até hoje, existem locais que os consideram como desvio psicológico ou até crime.

O número e a taxonomia da parafilia estão em debate: uma fonte lista até 549 tipos de parafilia, contudo, costumam ser categorizadas, fundamentalmente, em **Voyeurismo / Exibicionismo**, **BDSM** e **Fetichismo**, com suas eventuais subcategorias.

67

* O sexólogo John Money popularizou o termo *parafilia* como uma designação não pejorativa para interesses sexuais incomuns. Money descreveu a parafilia como “um embelezamento sexual ou uma alternativa à norma ideológica oficial”. A cunhagem do termo foi creditada a Friedrich Salomon Krauss em 1903 e foi usada com certa regularidade por Wilhelm Stekel na década de 1920. O psiquiatra Glen Gabbard escreve que, apesar dos esforços de Stekel e Money, “o termo parafilia permanece pejorativo na maioria das circunstâncias”. Em 1981, um artigo publicado no *American Journal of Psychiatry* descreveu a parafilia como “fantasias sexualmente excitantes recorrentes e intensas, impulsos sexuais ou comportamentos geralmente envolvendo objetos não-humanos, sofrimento ou humilhação de si mesmo ou de seu parceiro, crianças e/ou pessoas não consentidas”.

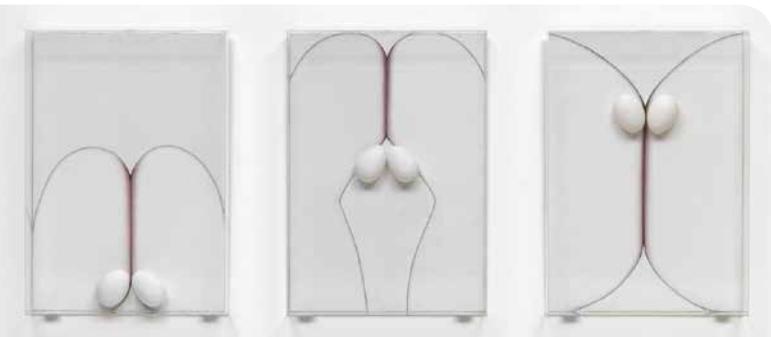
** As causas das parafilias não são claras. Algumas pesquisas apontam para uma possível correlação do neurodesenvolvimento pré-natal a partir da ação do estrogênio. No entanto, sabe-se que experiências no início da vida que ativam prematuramente o prazer pela excitação sexual estabelecem os estímulos parafilicos.

VOYEURISMO E EXIBICIONISMO

Ver e ser visto. Essas são talvez as maiores práticas do século 21 com as redes sociais e a constante evolução das tecnologias de comunicação – e possuem nome: *autagonistofilia*, prazer em ser filmado ou observado em um palco. Elas se tornam um comportamento sexual quando há nudez ou o ato sexual em si envolvido, sem consentimento dos espectadores, seja em ambientes privados ou públicos. À necessidade de exhibir o pênis em público é dado o nome de *peodeiktofilia*. Aliás, transar em lugar público tem nome: *agorafilia*. É invasão de privacidade e/ou atentado ao pudor, portanto, proibido por lei, mas a ideia de ser pego – e até mesmo ser pego de fato – é exatamente o que traz a excitação.

Engana-se quem pensa que só os solteiros são adeptos às práticas. Até mesmo nas relações mais estáveis, independente do gênero, há aqueles que querem experimentar o sexo fora de casa. Os lugares mais escolhidos são parques, banheiros públicos, banheiros de avião, cinemas, teatros, carros, elevadores e provadores; todos ganharam uma ajuda e tanto com celulares e câmeras espalhadas por tudo quanto é lado.

68



Exibicionismo (1973) é um tríptico em técnica mista de Renate Bertlmann que funciona como um manifesto contra a objetificação pornográfica da mulher na Arte e o privilégio masculino da luxúria na sociedade patriarcal. As formas pintadas de forma monocromáticas em combinação com os objetos ovais de isopor são pares de nádegas e testículos, que, na ausência do pênis, estabelece o homem como um ser puramente reprodutor. Em 1975, a obra foi selecionada para a primeira exposição feminista em Viena, porém, foi removida pelo diretor da galeria por considerá-la muito controversa para exibição pública.



Étant donnés: 1. *La chute d'eau*, 2. *Le gaz d'éclairage* (Dado: 1. A cachoeira, 2. O gás iluminador, 1946-1966) é a última grande obra de arte de Marcel Duchamp. Esta obra é um quadro de uma mulher nua deitada de costas com o rosto escondido, pernas abertas, segurando uma lâmpada de gás no ar em uma mão contra um cenário de paisagem, porém, ele só é visível através de um par de orifícios (um para cada olho) em uma porta de madeira. A escultora brasileira Maria Martins, namorada de Duchamp no início da produção, serviu de modelo para grande parte da figura feminina da peça. Está exposta no Museu de Arte da Filadélfia.



Exibicionismo social, voyeurismo social, óleo sobre tela de Michael Levchenko, 2014.

DOMINAÇÃO, SUBMISSÃO E SADOWASOQUISMO

Estar no controle ou à mercê de alguém é uma atitude bem frequente no dia-a-dia e talvez uma característica pessoal que pode extrapolar para o universo sexual. Grandes líderes muitas vezes gostam de se livrar do controle na cama e se submetem às ordens de outro; bem como aqueles que possuem cargos menores assumem posturas dominadoras entre quatro paredes. Mas isso não é uma regra, assim como ser “ativo” ou “passivo” também não. É uma ideia errônea achar que todo dominante é “ativo” e todo submisso é “passivo”: o jogo é quem está no controle e não nas posições sexuais. É um jogo de poder.

Os dominantes ou mestres são os que estão no comando e determinam as ações. Os submissos são, portanto, aqueles que precisam ser ordenados, seja de forma consciente ou forçada. Existem, até mesmo, os “escravos”, aqueles que ficam 24 horas disponíveis para seus “donos”, com exceção das horas profissionais de trabalho.

Já o sadomasoquismo é uma relação específica de dominação / submissão onde o prazer está na dor física e/ou verbal: os sádicos se excitam na imposição da dor, enquanto, os masoquistas em sofrer a dor. Existe a relação de *malcriação*, onde há uma encenação de desobediência para haver uma “punição”, e a de *humilhação*, onde há agressões verbais e emocionais. A *dacryfilia* (prazer em chorar e/ou ver o choro do outro), a *odaxelagnia* (prazer em morder e/ou receber mordida), a *algolagnia* (prazer em sentir dor na zona erógena, como apertar mamilos ou testículos) e a *narratofilia* (prazer em xingar e/ou ser xingado) são frequentes nessas relações.



Página final da *Curta História de Dirk*, ilustração digital de Xiongbar, 2023.

O *bondage* é uma prática de satisfação sexual a partir da imobilização através de amarrações, correntes e/ou algemas. É, na verdade, uma atividade de dominação / submissão, não necessariamente sadomasoquista, pois nem sempre há dor envolvida e, em muitos casos, não há sequer penetração.

Muito comum também é a *asfixiofilia*, o prazer em ser asfixiado ou estrangular alguém. No entanto, essa prática deve ser evitada em atos masturbatórios: estatísticas na Alemanha comprovam que a asfixia autoinfligida (ou autoerótica) mata cerca de 100 pessoas por ano! Existem outras atividades de restrição intencional de oxigênio ao cérebro para fins de excitação sexual chamadas *breath play* ou *breath control*. É possível que a asfixiofilia esteja associada a *autassassinofilia*, quando a pessoa se coloca em situações de risco de morte para obter prazer*, ou a *erotonofilia*, quando a pessoa se excita com a possibilidade de matar o outro (neste caso, é considerada uma psicopatia frequente em serial killers).

* Uma subcategoria é a *simforofilia*, a excitação ao assistir tragédias e desastres naturais ou praticar relação sexual durante tais acontecimentos.

É preciso deixar claro que uma ação de dominação / submissão sempre é realizada a partir de uma série de negociações entre as partes envolvidas. Os limites devem ser estabelecidos previamente e, normalmente, uma palavra de ordem (*safe word*) é decidida para cessar as atividades. Tal palavra não pode ser “não” ou “para”, pois estas costumam estar envolvidas nos jogos de controle. Então, é comum o uso de palavras bem estranhas.

Essas práticas recebem a sigla BDSM, um acrônimo para **Bondage e Disciplina** (B e D), **Dominação e Submissão** (D e S), **Sadismo e Masoquismo** (S e M).

ENCENAÇÕES

Fantasia sexual no uso de uniformes, fardas, roupas de super-herói e afins parecem apenas ações para apimentar qualquer relação, porém, torna-se uma parafilia quando a excitação sexual depende exclusivamente da mudança de comportamento ligada a alteração da personalidade. Nem sempre há penetração nas encenações parafilicas, aproximando-se de um comportamento de dominação / submissão que leva à masturbação. Os casos mais conhecidos são:

8=D Autonepiofilia ou Infantilismo (ageplayer):

Ato de encenar uma mudança de idade, especialmente, para idades mais novas, vestindo fraldas, usando chupeta e se comportando como um bebê. É preciso diferenciá-lo da pedofilia, pois não há menores de idade envolvidos: é um jogo de adultos, onde um se coloca como criança e o outro como cuidador (babá, papai ou mamãe). A maioria dos casos está relacionada a traumas de infância ou falta de afeto e atenção.

8=D Crematistofilia: Ato de encenar um roubo, extorsão ou sequestro. É diferente das síndromes de *Bonny e Clyde* e de *Estocolmo*, porque nesses casos a atração está na pessoa criminosa em si (*hibristofilias*) e não na ficção. Se for a encenação de um estupro consentido, leva o nome de *raptofilia*, mas, se for estupro de incapaz, vulnerável, pessoa dormindo ou drogada, é crime de *biastofilia*.

8=D Fornifilia: Ato de se tornar uma peça de mobiliário para excitação tanto de quem fica estático quanto para quem “usa” a peça.

8=D Peluchefilia: Animais de pelúcia são o objeto sexual e, neste caso, usa-se fantasias de animais de pelúcia para o sexo. A *autopeluchefilia* é o uso da fantasia de pelúcia para masturbação.

8=D Primal: Pessoa que age conforme seus instintos naturais e assume atitudes animais, como uivos, mordidas, arranhões em um sexo mais “cru”, seja ativo (caçador) ou passivo (caça). É preciso não confundir com a zoofilia, o desejo sexual por animais, ainda mais porque existe uma parafilia chamada *autozoofilia*, que é um desejo sexual ligado à submissão de ser tratado como animal, como cachorros ou cavalos, por exemplo. A posição de quatro apoios (*doggy style*) não é uma parafilia.

8=D Traição (cuckhold): O fetiche pela infidelidade se mistura com o *troilismo*, a necessidade voyeurística em ver o parceiro tendo relações sexuais com uma terceira pessoa. Nesse caso, a pessoa “traída” fica fora do ato sexual e costuma ser humilhada, restando apenas o ato masturbatório, tornando-se também uma prática sadomasoquista.

Briga de ursinhos, pintura de Deivid Hodecker, 2022.

FETICHISMO

O fetichismo está comumente ligado a um objeto ou parte do corpo que funciona como foco do prazer. O conceito foi ampliado para qualquer coisa que sirva como gatilho do desejo e indique, assim, uma preferência sexual. No entanto, para ser uma parafilia, o fetiche deve se tornar um comportamento recorrente e prioritário, ou seja, o prazer só é obtido na relação com o objeto do fetiche.

A mais comum – provavelmente atuante em 2/3 da população mundial – é a *morfofilia*, a atração por características físicas específicas, como cabelo ruivo, nariz grande, ou até mesmo traços étnicos, como cor de pele, formato dos olhos etc. Todavia, o que vem afetando de forma crescente a saúde física e mental é a *pictofilia*, conhecida como *Vício em Pornografia*, ou seja, a atração sexual pela imagem.

A *cronofilia* (ou fetichismo de idade) é um termo criado para quando um indivíduo experimenta atração sexual voltada a indivíduos de faixas etárias específicas. A *pedofilia* – a mais conhecida (e criminosa) – é subdividida em *nepiofilia* (menores de 5 anos), *hebefilia* (entre 11 e 14 anos) e *efebofilia* (15 a 19 anos), enquanto a *teleiofilia* é seu oposto, ou seja, a atração sexual de um menor por um adulto. Os mais velhos também podem ser foco de desejo: a *mesofilia* é a atração por adultos entre 45 e 60 anos (também conhecido como *daddy* ou *mommy issue**) e a *gerontofilia* por pessoas acima dos 70 anos. Em todos os casos, a diferença de idade entre os envolvidos é levada em consideração.

* *Anililagnia* é o termo para a atração de homens jovens em mulheres mais velhas.



Fotografia de Robert Andy Coombs.

Devotee é o termo usado para a pessoa que tem atração sexual por pessoas com deficiência. Dentre eles existe a *abasiofilia* (por pessoas com mobilidade prejudicada) e *acrotomofilia* (por pessoas com amputação). É preciso apenas lembrar que pessoas com deficiência já possuem uma série de interferências em suas sexualidades e relações emocionais, portanto, um mínimo de responsabilidade é necessário.

O *feederismo* (*fiderismo*) envolve o prazer em alimentar alguém (*feeder*) para que a pessoa ganhe peso ou em ser alimentado (*feedee*), numa reinterpretação do “prazer oral”. O aumento de peso é o foco, portanto, é diferente da atração por pessoas gordas (*adipofilia*).

Já a *macrofilia* se dá no envolvimento com pessoas muito altas, sendo, na maioria dos casos, uma fantasia masculina, onde o homem desempenha o papel “menor” e é dominado ou devorado por uma mulher de maior estatura.

Comunidades online referem-se a essa subcultura como *macro fetish* ou *GTS fetish* (“Giant Tiny Sex”). Na maioria dos casos não ocorre o ato sexual, mas atos de veneração e/ou BDSM. *Microfilia* é o oposto e, mesmo não sendo a mesma coisa, é comumente associada aos *devotees* por pessoas com nanismo.

Entendam: apesar dessa quantidade de termo técnico, a palavra-chave aqui é **CONSENTIMENTO**. Ao invés de julgar ou impor normas, a ideia é ampliar horizontes e permitir que cada um busque de forma consentida e segura o seu prazer. Fatores inconscientes vindo de uma educação repressora, situações de abuso e autoimagem distorcida desenvolvida na infância já nos embute culpa, receio e dificuldades de nos relacionarmos livremente. Casos mais severos, podem levar até mesmo a geração de fobias, como:

8=D Falofobia: Sim! Medo do pênis! É mais comum em mulheres cis que foram criadas para ver o homem e seu pênis como agressores ou tiveram experiências iniciáticas muito dolorosas. Isso pode gerar uma crise de pânico que impede estar na presença de um homem cis. Pode acontecer também em homens cis, sendo direcionado para a ereção (*medortofobia*), ou seja, o medo da paudurescência involuntária causar algum constrangimento faz com que esses homens usem cuecas muito apertadas com calças largas, não usem sungas e não entrem em vestiários. Já o clássico medo de broxar que todo homem cis tem se chama *medomalacufobia*, mas só é uma fobia quando o homem deixa de se relacionar pela simples possibilidade de não conseguir performar.

Fotografia de Andrew Graham.

8=D Misofobia: É o medo patológico de sujeira e de contaminação. No sexo, isso se traduz como um terror à fluidos corporais, seja um simples beijo ou o esperma (*espermatofobia*). Algumas pessoas acabam exigindo o uso de roupas (ou o ato de *frottage*, fricção vestida) e ainda correm direto para o banho após o sexo, como um ato de purificação. Casos graves também desenvolvem a *hafefobia*, medo do toque, do contato físico.

8=D Gimnofobia: Repúdio à nudez, de forma geral, desde ficar nu na frente dos outros, até ver alguém sem roupa. Isso se dá pela idealização de um corpo perfeito inexistente, que causa um bloqueio no momento de intimidade com o par. Casos graves dificultam até mesmo o banho.

8=D Coitofobia: Num primeiro nível, é o medo de falar sobre sexo, possivelmente causado por uma educação repressiva na qual o tema era considerado algo ruim, sujo ou um tabu. Em situações extremas, há um bloqueio total diante de situações eróticas, o que impede a pessoa não só de conversar a respeito como de aceitar qualquer troca íntima, seja beijo ou carícias e, claro, praticar sexo.

Então, seja você *vanilla* ou *kinky**, viva sua vida sexual de forma livre, segura, consentida e sem julgar o desejo alheio. **8=D**

* *Vanilla* (baunilha) é a pessoa que curte sexo convencional e modelos padrão de relacionamento, enquanto *Kinky* (extravagante ou excêntrico) é a pessoa que possui uma parafilia e se permite vivenciá-la.

AFINAL,
TAMANHO É
DOCUMENTO?

NÃO!

E EU TENHO COMO PROVAR!

Pesquisa sobre a anatomia peniana feita
com a participação de leitores/seguidores,
totalmente ilustrado e bilíngue.

PDF | 140 páginas | \$

Entre em contato através do e-mail falonart@gmail.com



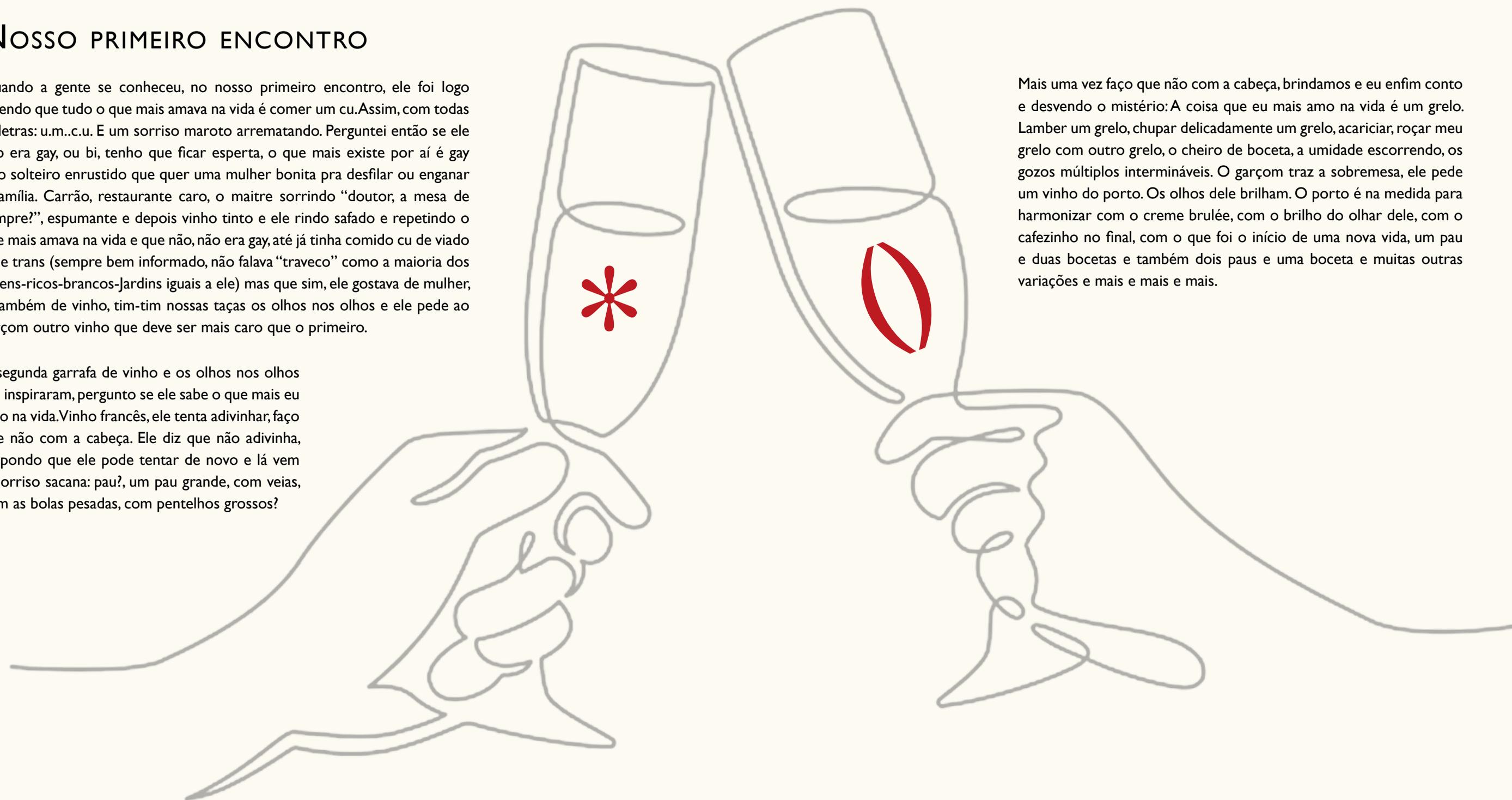
Contos do Falo

NOSSO PRIMEIRO ENCONTRO

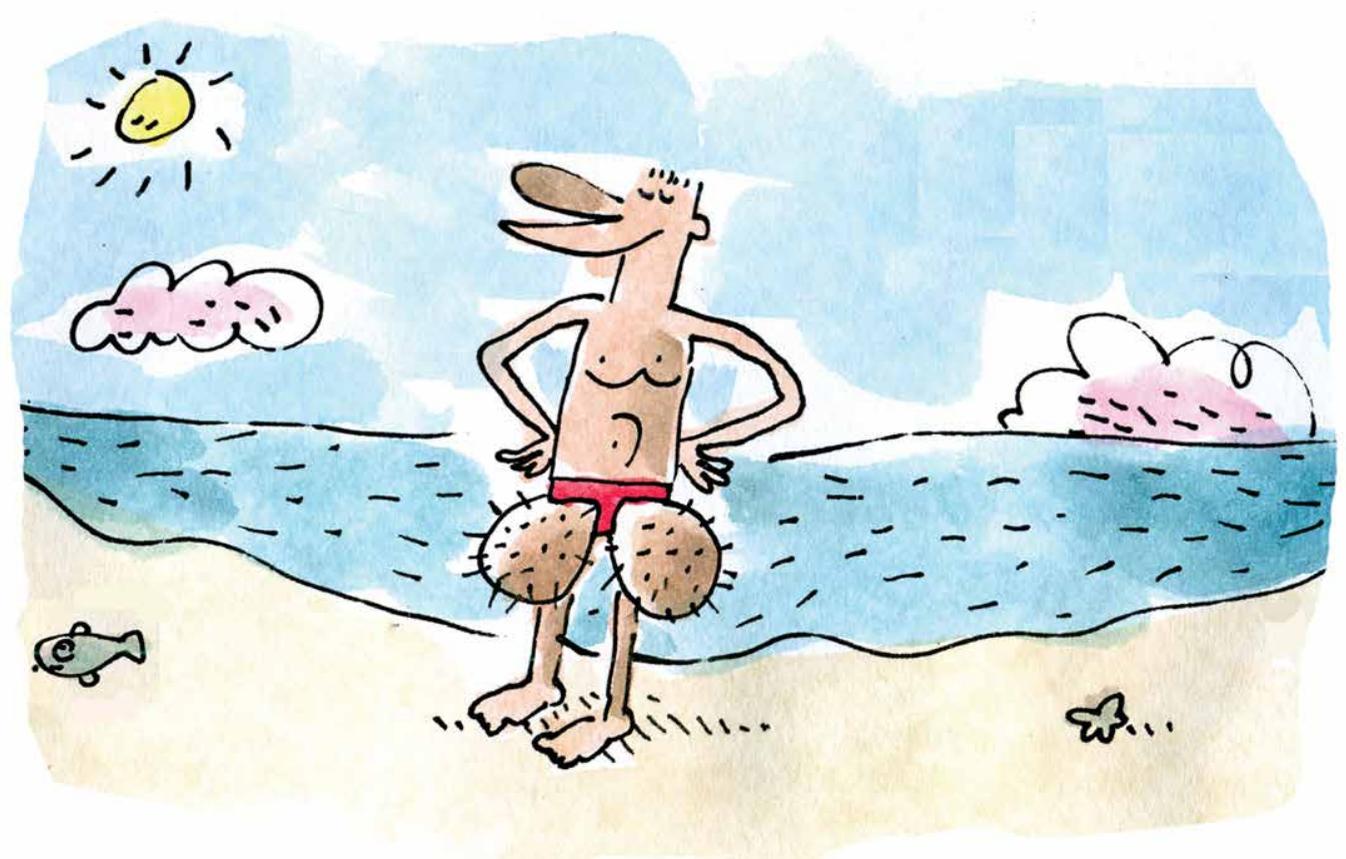
Quando a gente se conheceu, no nosso primeiro encontro, ele foi logo dizendo que tudo o que mais amava na vida é comer um cu. Assim, com todas as letras: u.m..c.u. E um sorriso maroto arrematando. Perguntei então se ele não era gay, ou bi, tenho que ficar esperta, o que mais existe por aí é gay rico solteiro enrustido que quer uma mulher bonita pra desfilhar ou enganar a família. Carrão, restaurante caro, o maitre sorrindo “doutor, a mesa de sempre?”, espumante e depois vinho tinto e ele rindo safado e repetindo o que mais amava na vida e que não, não era gay, até já tinha comido cu de viado e de trans (sempre bem informado, não falava “traveco” como a maioria dos jovens-ricos-brancos-Jardins iguais a ele) mas que sim, ele gostava de mulher, e também de vinho, tim-tim nossas taças os olhos nos olhos e ele pede ao garçom outro vinho que deve ser mais caro que o primeiro.

A segunda garrafa de vinho e os olhos nos olhos me inspiraram, pergunto se ele sabe o que mais eu amo na vida. Vinho francês, ele tenta adivinhar, faço que não com a cabeça. Ele diz que não adivinha, respondo que ele pode tentar de novo e lá vem o sorriso sacana: pau?, um pau grande, com veias, com as bolas pesadas, com pentelhos grossos?

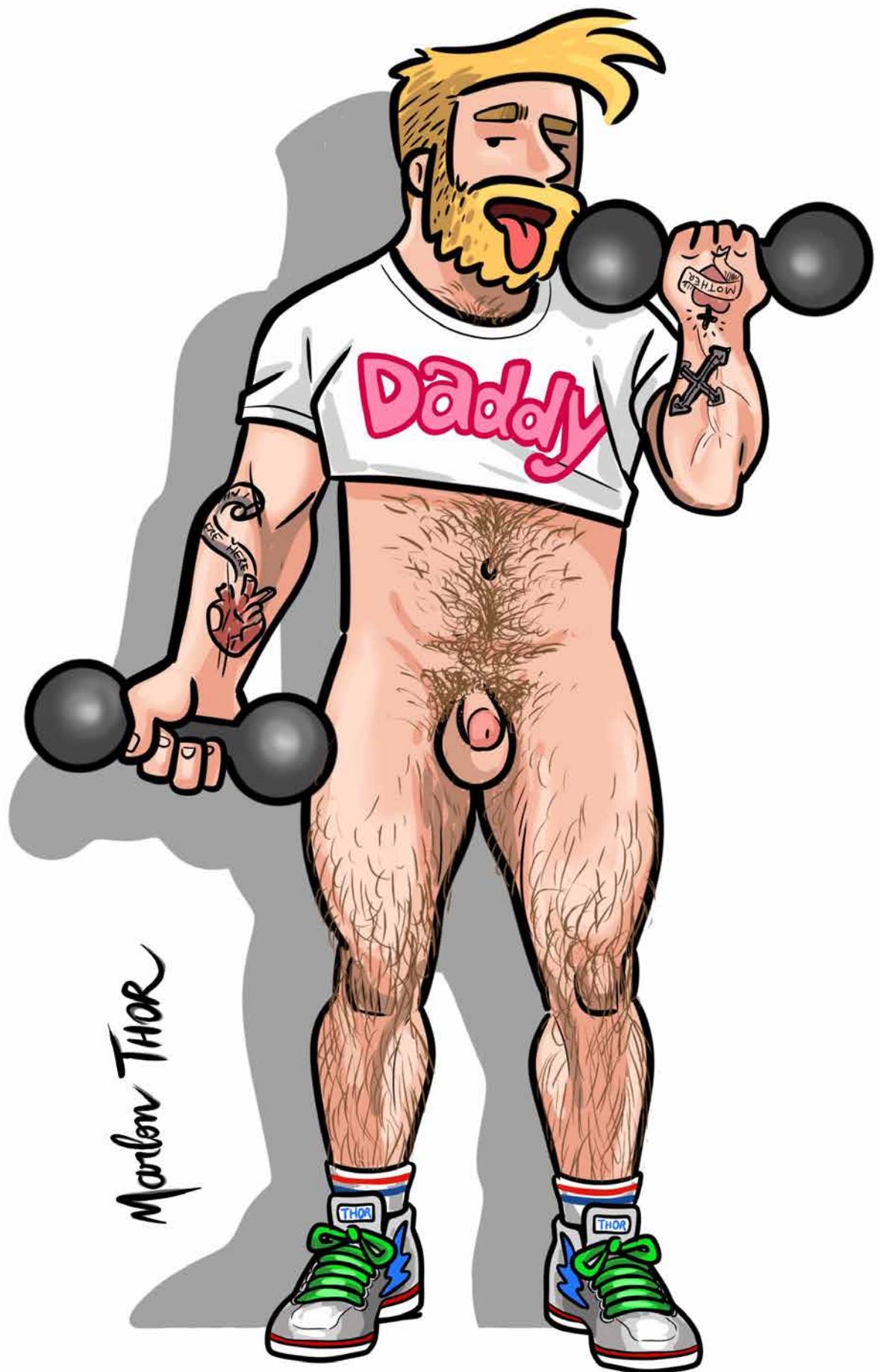
Mais uma vez faço que não com a cabeça, brindamos e eu enfim conto e desvendo o mistério: A coisa que eu mais amo na vida é um grelo. Lamber um grelo, chupar delicadamente um grelo, acariciar, roçar meu grelo com outro grelo, o cheiro de boceta, a umidade escorrendo, os gozos múltiplos intermináveis. O garçom traz a sobremesa, ele pede um vinho do porto. Os olhos dele brilham. O porto é na medida para harmonizar com o creme brulée, com o brilho do olhar dele, com o cafezinho no final, com o que foi o início de uma nova vida, um pau e duas bocetas e também dois paus e uma boceta e muitas outras variações e mais e mais e mais.



O TOPLESS MASCULINO



© ADÃO



Marlon THOR



O outro é o outro e não sua vida

Um dilema bastante comum para boa parte das pessoas, sejam elas solteiras ou comprometidas, é colocar a parceria (ou o desejo de ter uma) como foco central da própria existência e diminuir o tamanho de todas as outras relações e possibilidades que a vida oferece. Crescer numa cultura onde foi / é amplamente disseminada a ideia de que achar um marido / esposa para casar seria o final perfeito e feliz faz solteiros se sentirem sempre infelizes e incompletos, comprometidos em desenvolver relações tóxicas e de extrema dependência já que um vira praticamente tudo na vida do outro.

O “final feliz” dos filmes, novelas e contos de amor tem um destino e ele se chama reprodução. Além de uma visão romantizada que não condiz com o real, tal enredo não foi pensado para gays, não foi pensado pra lésbicas, não foi pensado nem mesmo pra hétero: foi criado sob uma ótica restrita, preconceituosa e conservadora para regular a sexualidade e com fins reprodutivos. Acabamos replicando um desejo genérico sem perceber que nosso conceito de felicidade ainda está associado a achar um par e conquistar o “felizes para sempre”.

A monogamia tem suas problemáticas, assim como as relações abertas também possuem, mas não é sobre uma ou outra ser vilã. Viver uma relação monogâmica é possível desde que o parceiro não seja a única fonte de prazer e satisfação. Quando falamos de prazer precisamos pensar para além do campo sexual, para além do envolvimento afetivo. Muitas coisas na vida podem ser fonte de prazer como ler, estudar música, criar arte, ajudar pessoas, fazer parte de uma ONG, conhecer

lugares novos, colecionar coisas, apoiar uma causa, fazer novas amizades... Mas estamos tão cegos e presos numa ideia de encontrar o “par ideal” que buscar prazer em outras fontes parece não fazer sentido.

Se você passou duas, três, quatro ou mais décadas sendo ensinado que a vida só faz sentido se encontrar um parceiro, não vai ser do dia para a noite que vai extrair prazer em outras atividades. Tudo é experimento e aprendizagem, mas a gente tende a achar que a resolução deveria estar em uma ou duas sessões de terapia ou na primeira vez que tentarmos algo novo. Não, meus caros, não é assim. Você vai precisar se entregar mais, se aborrecer mais, se envolver mais.

Se você não consegue ficar minimamente bem sozinho, como diabos quer desenvolver um relacionamento saudável? É claro que não vamos deixar de desejar o outro, de querer um outro que nos toque de modo íntimo e complemente nossos desejos, mas o outro é o outro e eu não posso querer que ele seja do meu jeito, moldado a minha imagem e semelhança. Isso é infantil. É a criança mimada presente num adulto que não aprendeu a lidar com as frustrações. E se tem uma coisa que pessoas LGBTQIAP+ não conseguem lidar bem é com rejeição e frustração, já que geralmente nossas primeiras décadas de vida são permeadas por esses sentimentos dolorosos.

Mas, para o mundo real, não importa se tivemos dores e traumas na nossa infância e adolescência, agora somos adultos e precisamos lidar com a vida de maneira mais madura, ainda que pareça injusto.



MUITO ALÉM da PARADA

4_jun__2_jul





FALD

ISSN 2675-018X
falonart@gmail.com

